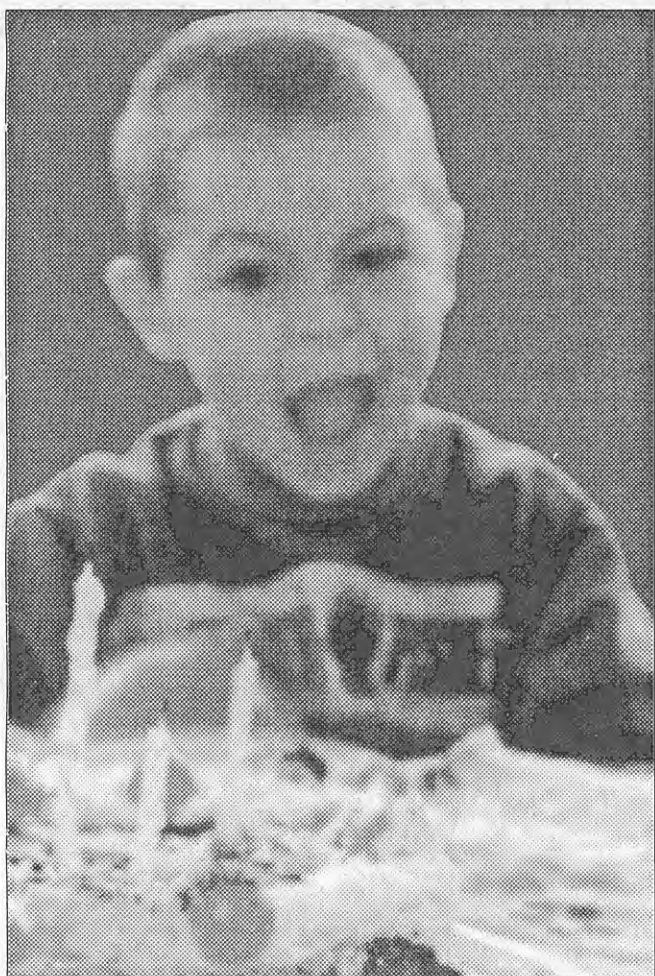




Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envolto autorizado par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

20 de Dezembro de 1997 • Ano LIV • N.º 1403  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa  
Tel. (055) 752285 — FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



O nosso «Lipe» em dia de festa

## Natal

«Oh Céus, do alto desça o orvalho  
e as nuvens chovam o Justo;  
abra-se a terra e germine o Salvador.»



O cântico é da inspiração de Isaías e exprime em beleza de poeta (que também os Profetas o são tantas vezes!) a fome e a sede de Justiça que habita no coração do homem e não encontra, jamais encontrará saciedade na justiça dos homens.

Isaías desmitifica definitivamente o alimento próprio desta fome e desta sede. Não se trata de códigos que os homens elaborem e imponham. A Justiça é Pessoa. Do Justo procederá a norma da Felicidade, de que o homem, ansioso dela, não é capaz, nem de estabelecer nem de exemplificar, pela falta de Integridade que lhe é natural.

A insatisfação do homem é um dado antropológico, universal e constante desde que o homem se conhece — e daí o desejo e a expectativa messiânica que brotam no mais profundo do seu ser. Teimosamente, presa do orgulho que é a raiz principal de toda a

negação de si-mesmo, a História regista a busca incessante de uma resposta messiânica gerada pelo homem: Filosofias, sistemas sociais... de que nasce a justiça e transmudem em paz, exterior e interior, a insatisfação conatural ao homem. Que é delas?...! Que é delas?...!

Neste mundo onde a Ciência e as Técnicas atingiram níveis maravilhosos, apesar disso e com tudo isso, o pensamento e comportamento dos homens está longe de o tornar mais justo, mais humano e cada homem mais feliz. O coração do homem continua inquieto — como denunciou

Santo Agostinho há tantos séculos — e continuará inquieto enquanto não encontrar o seu repouso no Justo que «descerá do alto dos Céus e as nuvens hão-de chover».

Claro que «a terra tem de abrir-se para que o Salvador germine»!

É o que falta para um autêntico e global progresso humano que não apenas no domínio da Ciência e das Técnicas. É o que falta para o advento dos «novos céus e nova terra onde habita a justiça», no que não é dispensada a colaboração do homem. O orgulho tem sido o estorvo, como foi a

Continua na página 3

### ENCONTROS em Lisboa

## Cinquenta anos da Casa do Gaiato de Lisboa

A O aproximarmo-nos da data comemorativa dos cinquenta anos da nossa Casa, comecei a folhear o passado e fui encontrar nos escritos de Pai Américo a primeira reacção face a esta Quinta onde hoje habitamos. Diz Pai Américo:

«Era em Junho de 1947. Eu até recordo o dia e também o lugar. Foi a 27, que naquele ano calhou ser o dia do Coração de Jesus.

Eu passava e entrei casualmente na Basílica da Estrela. Quando saía, entrava Sua Eminência o Cardeal Cerejeira que disse ter necessidade de me falar... Sim Senhor. Na tarde daquele mesmo dia apresentei-me. Falámos. Era a Casa do Gaiato de Lisboa. Dias depois, o Sr. D. João Campos Neves

mais eu fomos a Santo António do Tojal ver a Quinta da Mitra que fica no concelho de Loures, a 20 quilómetros de Lisboa. Andámos por ali um ror de tempo. Era um palácio arruinado. Era uma igreja arruinada. E aquilo aonde nos havíamos de instalar, carecia de obras importantes de adaptação. O Sr. D. João riscava, propunha, insinuava. Eu não dizia nada. Eu estava calado. Um monte de ruínas me tinham dado em Paço de Sousa. Um monte de ruínas me ofereciam agora. Encontrava-me desanimado interiormente e disse que sem falar com o meu Padre Adriano nada resolvía.

Um mês depois, podiam ser vistas duas figuras de preto naquelas ruínas que foram outrora opulência. Era o mês de Agosto. O sol

fazia lume. As duas figuras de preto mediram a extensa Quinta com passos vacilantes. Percorreram salas desmanteladas da antiga vivenda dos Cardeais.

... As duas figuras de preto entreolharam-se. Dois corações, duas vontades; um pensamento e uma palavra: sim. As duas figuras de preto éramos nós ambos: Padre Adriano mais eu.

... O ano de 1947 foi de trabalho no Tojal e nos primeiros dias do seguinte abriram-se de par em par as portas da Casa do Gaiato de Lisboa.»

Padre Adriano, na sua primeira crónica de «Aqui Lisboa», fala assim do dia da abertura:

«Voltaram a animar-se as pedras calcinadas de Santo António. A vida surgiu como

Continua na página 4



### MOÇAMBIQUE

## A sabedoria dos Pobres

N OS anos que já tenho, nunca encontrei na Sagrada Escritura alguma passagem que servisse de suporte a um ditado que aprendi em pequeno... «A limpeza Deus a amou». Surpreendido por sair da boca de Pobres, sempre pensei que correctamente devia dizer-se: «A pobreza Deus a amou». Mas, nesse tempo, a limpeza era ponto de honra do Pobre.

Maputo é uma cidade suja e desarrumada. Só por conveniência social está limpa em

alguns pontos. Muitas casas e prédios de muitos andares ostentam degradação. O asfalto desapareceu em algumas ruas, até de razoável movimento comercial, por força das águas sujas que vêm das sarjetas. Nos acessos principais à cidade, apesar de boas estruturas de drenagem nunca cuidadas, as águas acumulam-se, os buracos aumentam e o trânsito complica-se. Há até um lugar que, pelo andar lento das viaturas, é frequentado por grupos suspeitos que aproveitam para

Continua na página 3



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**NATAL** — Não tarda a Festa do Natal, já tão aburguesada, incompreendida em seu valor intrínseco.

Por isso, vale a pena folhear o evangelho dos Pobres, libertar-nos da escravidão pela Graça do Senhor Jesus — nosso Libertador.

● A pobre avó, triste, ameaça a neta com mais força interior. E suspira:

— *A gente até nos custa desabafar! Gosto mais da minha neta por ela ser doente.*

— ... Partiu a armação dos óculos!?

— *Precisa de lentes muito grossas e a armação de metal q'ê muito cara, lá prôs vinte contos, p'ra ir «emparando», q'o mal não tem cura...*

A menina tem treze anos e os olhos esbugalhados. Frequenta a instrução primária e já sabe alguma coisa, estimulada pela Escola e pela família.

Acudimos imediatamente, resolvendo a imperiosa necessidade da cachopa que fica radiante nesta hora providencial.

● Como vem sendo hábito, nesta quadra, a Sociedade de S. Vicente de Paulo distribui por intermédio das suas Conferências Vicentinas, para os Pobres, géneros que são *excedentes* da U. E.: leite, manteiga, queijo, massas alimentícias, etc. *Mercearia* que é uma delícia para quem normalmente não tem posses para a comprar e saborear.

Na pessoa dos responsáveis do Conselho Particular das Conferências da nossa região, louvamos também o discreto e eficaz trabalho de muitos outros, na gestão e distribuição desse óbolo a bem dos Pobres.

Aqui, a guarda dos produtos está a cargo de um santo varão e esposa — vicentinos — que cedem um amplo armazém adequado para o efeito.

**PARTILHA** — Assinante 12319, de Penafiel: *«Como não posso infelizmente visitar os Pobres, como antigamente, faço-o por meio daqueles que o podem fazer, enviando a minha pequena ajuda»* — dez contos. A mesma quantia, da assinante 35193, de Vila Nova de Gaia, *«para ser aplicada onde for mais precisa»*. Saldo de contos d'O GAIATO *«para que uma família tenha um Natal mais folgado»* — acentua a assinante 39490, de Nespereira (Lousada).

Presença rica, da assinante 35016, Póvoa de Varzim. Óbolo repartido por vários sectores. Citamos breves períodos: *«O GAIATO é um oásis nos meios de comunicação social. Nele aprendemos o catecismo da vida. Tanto sofrimento e tanta fome de pão e carinho! Aprendo-se muito com as carências e amarguras dos Pobres, mas também com tantos corações generosos, prontos a dar mesmo o que lhes faz falta!»*

Dez mil, *«para a Conferência»*, de Vila Nova de Gaia, recolhidos com discreção. Cheque, da assinante 20174, de Coimbra. Ai, Pai Américo aprendeu a amar os Pobres mais e mais — por graça de

Deus. Três mil, da assinante 4589, do Porto — *«com muita estima»*. Acrescenta: *«uma pequenina contribuição para que o Natal dos Pobres da Conferência seja mais doce»*. É da assinante 7769, cujo nome pessoal lembra um conceituado Médico que foi grande Mestre.

Vila Nova de Famalicão: o assinante 4395, *«com o prazer habitual, envia uma dádiva que aplicará segundo o vosso critério»*. Bondade perfeita! Um coração lacerado pelos filhos, assinante 5471, do Porto, lembra os Outros, nesta quadra festiva: *«Que a saúde e a Paz sempre vos acompanhem para continuardes a levantar os Irmãos que, por culpa da sociedade em que vivemos, caem na miséria; e talvez também por minha culpa. O Senhor me perdoe e me dê um coração mais desprendido e generoso»*. Que alma!

Valioso cheque do assinante 7464, de Lisboa: *«O nosso Júlio, que conheço desde sempre pelas notícias de Pai Américo, e a equipa vicentina saberão gerir com realismo e coração estas pequenas migalhas para os Pobres»*. Setúbal: o costume da *«Avó dos cinco netinhos»* com *«todo o carinho e muita amizade»*. Igual quantia, por cheque, de Maria Teresa, Vila Nova de Gaia, *«para o que houver de mais necessidade — e é pena ser tão pouco...»* Amor aos Pobres! Mais cinco, habituais, do assinante 42971, de Ovar, snblichando que *«não precisam agradecer»*. Cumprimos.

Presença amiga de um bom colega da Escola Mouzinho da Silveira, que foi *Universidade* de muitos jovens e adultos, boa parte dos quais trabalhadores-estudantes. Mais cinco mil, da assinante 43689, Monte Estoril, *«lembrando os queridos pais»*. O dobro, da assinante 26731, Póvoa de Varzim, que recorda o seu marido. Mais um cheque, da assinante 66095, do Porto, *«para ser aplicado nas necessidades materiais da Conferência de Paço de Sousa»*. Outro, do assinante 42037, com *«saudações fraternas»* — que retribuimos de bom grado. Mais outro, da assinante 5848, na grande Lisboa, natural de Paço de Sousa, com óbolo extensivo à nossa Conferência e à feminina também.

Agora, assinante 31104, de Lisboa: *«Porque não esqueço quem precisa (o que tanto custa!) remeto de todo o coração (um óbolo) para a Conferência, inclusive para aquisição de medicamentos, cada vez mais caros para quem deles mais necessitam»*.

Retribuimos, com amizade, os votos expressos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**NATAL** — Temo-lo à porta. Neste mês pensamos mais em Jesus e nos que O rodeiam. Também é o tempo de oferecer e receber muitas prendas a, ou de, alguém de família.

Para todos os leitores um feliz Natal.

**PRESEPIOS** — Já começamos a fazê-los nas casas da

nossa Aldeia. São muito bonitos e têm o que os presépios devem ter.

O mais importante é o Menino Jesus. Ele é que dá alegria àquilo que nós vemos.

**TEMPO** — Está frio! Pudera, estamos num mês, do ano, muito frio.

Em algumas terras já neva. Gostaríamos que nevasse em nossa Aldeia... Quando isso acontece, dizem que é uma beleza!

Mas como ainda não foi possível, esperemos caia neve, em algum dia muito gelado por aqui.

**ANIMAIS** — As vacas estão bem de saúde. Dão o que precisamos para a nossa alimentação — leite e carne. Gostamos muito destes animais, até por isso mesmo.

Rui Lamego

**DESPORTO** — Tenho acompanhado o futebol da equipa da Casa do Gaiato. No dia 23 de Novembro, a nossa equipa recebeu uma, de Rio Tinto, e ganhámos por 10-5. Foi um jogo muito emotivo.

Sábado, 29, jogámos com uma Escola Universitária, do Porto. Encontro muito confuso, mas nos primeiros minutos o marcador funcionava por intermédio do «Cenoura». Resultado final: 4-2.

No domingo, 30 de Novembro, a nossa equipa deslocou-se ao campo do Croca (Penafiel). O treinador pediu muita concentração aos jogadores e que jogassem bem a bola. Resultado final: 3-2.

Os atletas do grupo Desportivo da Casa do Gaiato estão muito carenciados de material desportivo para a prática do futebol. Ainda hoje, no decorrer do jogo, o Américo ficou sem a sola da chuteira!

Pedimos ajuda aos nossos Amigos. Muito obrigado.

Lupércio

## RETIRO

*«Pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.»*

Pai Américo

São 20,30 desta sexta-feira, 28 de Novembro, depois de reunidos oito casais e meio (a companheira deste já está no Céu). O *timoneiro* e motorista dá à ignição da nova Toyota, embrenhando-se no escuro da noite como obscuro é para muitos passageiros o nosso destino. Sabemos que vamos ao encontro do Banquete, pensado e preparado para aqueles que a fome e sede os levam a aceitar; sabemos que é longe e que fica para os lados de Alfandega da Fé, concretamente Cereja. Alguma chuva, boa disposição exteriorizada com cantares e alguma boa piada. Quando damos por nós estamos no destino e o relógio nas 23,30 h. Distribuição de quartos — que lindos!... — alguns comentários e vamos tratar do soninho que a alvorada é às oito.

Que vista meu Deus?!... Os olhos abrem-se de espanto e a

alma sorri. Assim começa a primeira meditação e acção de graças. Estamos num Santuário Mariano dedicado ao Coração Imaculado de Maria, como diz o fundador e nosso guia espiritual nestes três dias: uma Fátima vinda aos montes transmontanos. As dificuldades desta gente serrana são tantas que ao sentirem a Mãe do Céu junto deles vivem menos o sofrimento do dia-a-dia.

É um triângulo com o Santuário e todo o apoio ao peregrino, no vértice; à sua esquerda a Loca com os símbolos da anunciação aos pastores; na direita, a representação da Agonia, Morte e Ressurreição do Senhor. Em ambos os percursos somos acompanhados por símbolos dos mistérios do Rosário e da Via-Sacra. Maravilhoso, simplesmente.

Nem só do espírito vive o homem, o corpo precisa e da mãe-terra vem o necessário. Que bem fomos tratados! Requite na simplicidade e delicadeza, quer na confecção quer no trato e no serviço. Aquela comida caseira, simples como simples as mãos que a prepararam e serviram. Mãos que mais não ambicionam do que servir, ajudando o Próximo a ser mais feliz.

Sáímos deste Santuário cheios, com as baterias carregadas e mais conscientes. Um bem haja ao Padre Dr. Ochoa e Irmãs pelo seu bom acolhimento.

A presença discreta do nosso Padre Carlos vindo com o secretário «Tico» foi benéfica e reconfortante.

Pai Américo ao deixar este mandamento aos seus sucessores é para todos os seus filhos, mas, o adolescente, o jovem tem de ser convidado, convencido, enfim, preparado; o menos jovem tem de sentir necessidade e daí a procura.

Para o próximo ano há mais. Venham os valentes.

Joaquim Gomes

## TOJAL

**NATAL** — Como está à porta, os rapazes enfeitaram toda a Aldeia com luz, fitas, bolas, presépios e muito mais.

**VACARIA** — Há muito que não falávamos dela! Está na altura de anunciar o nascimento de mais um vitelo.

**FESTA** — Os números que serão realizados na festa de Natal estão decididos e bem ensaiados; faltam, apenas, alguns pormenores.

**AULAS** — O primeiro período chegou ao fim. Esperamos que os estudantes tenham boas notas, apesar de o primeiro não ser muito importante, mas na verdade também conta.

**PASSEIO** — Os mais pequenos tiveram um grande passeio ao Centro Comercial Colombo, oferecido pelos *motar's*, de Lisboa. Eles ficaram muito contentes.

Arnaldo Santos

## MIRANDA DO CORVO

**NATAL** — Está quase a chegar. Os rapazes pensam nas prendas que vão receber. Os nossos amigos não se esquecem.

Já começámos a ensaiar para a festa que será no salão da Associação, em Miranda do Corvo, a 21 de Dezembro, às 16 horas.

**ANIMAIS** — Abatemos uma porca e temos uma cabra cheia. A nossa cabrita e uma vaca serão figurinos num presépio vivo em frente da

Câmara Municipal e alguns de nós, pastores.

**OBRAS** — As casas novas estão quase prontas e os rapazes desejosos de passar, nelas, o Natal.

**LAR** — O primeiro período está quase a acabar. Mas, os rapazes não andam a tirar boas notas... Esperamos que tirem bons resultados nos testes que ainda faltam realizar!

**VISITAS** — Nesta altura, muitas pessoas nos visitam. Trazem roupa e brinquedos, que encham a sala de costura. As costureiras e os roupeiros (Filipe e Adriano) têm agora muito trabalho.

**CAMPO DE FUTEBOL** — Ficará mais bonito e maior. Tem novos arbustos de sebe e o piso mais certo.

**RETIRO** — Para se preparar melhor o Natal, um grupo de rapazes estará em Retiro, de 12 a 14 de Dezembro, na Casa de Férias da Casa do Gaiato de Lisboa, em Sintra.

Desejamos um feliz Natal aos nossos amigos leitores.

Bruno do «Aleixo»

## Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

**MAGUSTO** — Como tínhamos anunciado, deslocámo-nos à Figueira da Foz para um magusto-convívio no dia 9 de Novembro, mas, infelizmente, não houve a esperada aderência. De qualquer modo, cumprimos mais uma tentativa de aproximação entre a Associação e os Associados, o que se verificou nas instalações do Seminário daquela cidade. Agradecemos ao seu Reitor, Padre João, a forma como nos deixou à vontade para o efeito. Assámos as castanhas, bem acompanhadas por uma pinga, quer de jeropiga ou de vinho e água-pé, e um leque doutros comestíveis que fizeram uma boa merenda. A todos os que estiveram presentes, e suas famílias, muito obrigado pelo tempo que passámos juntos, na intenção de estreitarmos os nossos laços de amizade; não esquecendo quem se deslocou 200 quilómetros para o efeito.

**SAUDAÇÃO** — Em época festiva expressamos aos antigos gaiatos e suas famílias, bem como a todos os actuais, aos Padres da Rua, e às restantes Associações de Antigos Gaiatos, também, votos de Feliz Natal e Ano Novo.

**IRMÃO MORTE** — Deus chamou outro nosso colega que passou pelo Lar de Coimbra, o José Carlos Nogueira dos Santos, conhecido pelo «Pitorro». Deixou-nos aos 55 anos, por doença súbita. Os nossos sentimentos de pesar à família, especialmente mulher e filhos.

Manuel dos Santos Machado

## RETALHOS DE VIDA

### «Semedo»

*Eu sou o Jorge Fernando Maquengo Martins, mais conhecido por «Semedo». A malta baptizou-me com este nome por ser parecido com ele, Semedo.*

*Nasci a 1 de Agosto, na freguesia de Avioso, concelho da Maia, distrito do Porto.*

*Antes de vir para a Casa do Gaiato, cheguei a 19 de Setembro de 1993, vivia com a minha mãe e os meus irmãos.*

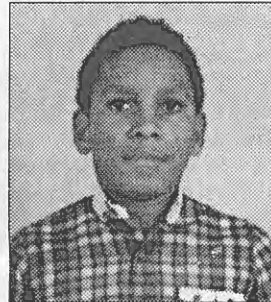
*Tinha uma vida muito triste porque fugia de casa, ia para a da minha madrinha...*

*Eu gamava dinheiro nas lojas e dava-o à minha mãe para comprar massa, arroz, feijão, pão...*

*Frequento a quarta-classe. Estou bem, graças a Deus. Quero estar aqui até ser um Homem com H grande.*

*Fora das horas da escola dou uma mãozinha no serviço do refeitório. Gosto de estar aqui porque sou feliz.*

Jorge Martins





## PASSO A PASSO

## O Miguel

**H**OJE vou levar o Miguel para casa da avó. Há mais de dois anos, a mãe pediu para ele vir. A situação familiar urgia. O Miguel veio.

Traços de rapaz da rua eram nele evidentes. Quezimento, galhofeiro, pouco dado à concórdia.

Os verdes anos ajudaram-no em pouco tempo, entre nós, a dulcificar aquele coração inclinado à rebeldia.

A mãe vinha frequentemente. Com o tempo, o Miguel foi-se distanciando de nós. O domingo, dia em que a mãe vinha, ia-o transformando num rapaz saudoso...

Numa dessas tardes, passado que foi um ano, a mãe levou o Miguel. Nada mais soubemos dos seus caminhos.

Passou-se entretanto mais de um ano. Uma tarde em que regressávamos a Casa, os rapazes vieram dizer que o Miguel estava cá. Seria o Miguel?, inquietei-me!

Era ele, semblante sério, senhor do seu nariz como se não nos conhecesse. Estava maior! Teria crescido?

Foi depois o contar da história atribulada desse ano que passara. Andara de Anás para Caifás. Ninguém o queria e esta violência tornara-o violento. Mas será que nós o poderíamos querer? A mãe deixara-o ficar.

Não esperou para pedir que o recebessemos. Prometeu voltar no dia seguinte mas já passou um mês e aquela que antes vinha frequentemente, não mais apareceu.

Contactámos por isso a avó. Mulher sacrificada, alicerce da família. A casa, de ilha, é muito pequena. Tem consigo um irmão do Miguel que criou desde que ele viu a luz. E são outros familiares e a falta de saúde. Compreendemos e admiramos.

Mas o Miguel ainda não nos foi entregue. Quem o trouxe pode vir do mesmo modo e a qualquer momento buscá-lo. Ainda não nos foi dado. Para o ajudarmos, tem de ser nosso e nós temos de ser dele. Não sabemos viver de outro modo.

O Miguel está a par de tudo. Compreende e aceita. Parece que vai continuar a ser jogado como bola de ping-pong. Cabe-nos empurrar a bola para o campo do adversário

na esperança de que seja a última jogada e o jogo termine.

Os novos pensadores não acreditam que possa haver pecado. Simplesmente acções realizadas na liberdade que é o contexto da existência humana. Para que alguém sofra, não há de haver um culpado? Quem provoque o sofrimento?

Estamos todos mergulhados neste ambiente com o Miguel. Não nos sentimos mais inocentes que as outras personagens desta história verdadeira.

Sopra o Espírito de Natal. Sopra a esperança da remissão. A Redenção está agora mais perto de nós, vai nascer. Continuemos a caminhada...

Padre Júlio

## Moçambique

Continuação da página 1

lançar mão ao alheio. É frequente estar por ali a Polícia, por ser um dos caminhos de escoamento de mercadorias do cais. Sendo a alternativa para a baixa da cidade, está quase impraticável.

Na zona suburbana é muito pior. Já no tempo colonial era crítica a área das lagoas onde se fez um bairro e naturalmente as lagoas continuam, impedindo em muitos pontos a passagem a pé e forçando a água estagnada a invadir os quintais quando passa qualquer viajante.

A própria drenagem é esgotado a céu aberto, aqui e ali vazadouro de lixo. Este que toda a gente faz, avulta em muitas ruas, mesmo de

grande trânsito, exalando cheiro incómodo, mesmo sem as chuvas que agora vêm complicar tudo. A cidade é uma grande casa desarrumada que se tornou agora perigosa para quantos a habitam.

O surto de cólera veio alarmar a Saúde que não é responsável pela falência da sanidade pública. É uma hora de grande desconforto, quase de pânico, porque os hospitais não têm espaço físico para doenças infecto-contagiosas deste risco, nem pessoal bastante, e nem os remédios óbvios se mostram eficazes.

Perto de nós, na aldeia dos Antigos Combatentes, coincidiu com o corte da energia que bombeava água potável. Aqui, na Massaca,

só apareceram dois casos prontamente socorridos. Mas o perigo continua. A água bombeada é salina e o povo prefere ir ao rio ou ao regadio, por ela. No nosso Posto de Saúde, no Centro de Apoio, tomaram-se logo todas as precauções de higiene, bem simples mas suficientemente eficazes — desinfectação com lixívia.

Foi tomada a nível da cidade a medida drástica de impedir a confecção de refeições nos «dumba-nengues» e nas ruas, lugares normalmente partilhados com montes de lixo. Há quem não tenha outro ganha-pão e muitos outros só ali encontram o que podem comer com seus salários de miséria. Portanto, medida difícil de ser acatada. Bem acertada e pronta a ajuda do Governo Português com a entrega imediata de um hospital de campanha a funcionar na Machava e muitas toneladas de soro reidratante. Quantas vidas salvas a tempo! Mas que vida continua a ser a destas pessoas coabitantes com o perigo, amarradas ao seu cantinho?

É tempo de pensar, a sério, em distribuir terras, não só a grupos económicos. Moçambique é tão grande, porque há-de ser grandes também os problemas deste povo?

Fico maravilhado com a sabedoria dos Pobres da minha terra. «A limpeza Deus a amou». Só os Pobres são capazes de sintetizar tão bem esta verdade, que racionalmente pode ter outras referências, mas diz a todos nós cristãos que a Fé tem de impregnar a vida para ser verdadeira. E sem ela há males que não se querem evitar.

Padre José Maria

## LAR DO PORTO

## CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS —

«O Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma virgem que vivia na cidade de Nazaré, cujo nome é Maria. Entretanto, o anjo disse-lhe: 'Deus te salve, cheia de graça, o Senhor é contigo'. E continuou: 'Não temas, Maria! Eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho a quem porás o nome de Jesus. Este será chamado Filho de Deus e reinará eternamente e o Seu reino não terá fim'. Maria disse ao Anjo: 'Como será isso possível?' Ele respondeu: 'O Espírito Santo descerá sobre Ti e, por isso mesmo, o Menino que há-de nascer do Teu ventre será chamado Filho de Deus porque a Deus nada é impossível'. Então, Maria respondeu humildemente: 'Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a Sua palavra'. O Anjo afastou-se e

Maria ficou cheia de Graça e alegria.»

Os nossos amigos mais necessitados terão um Natal mais pobre, pois os nossos cofres estão vazios; mas vamos dar um jeito, não vamos perder a fé, apesar dos leitores se terem esquecido algo de nós.

**RECEBEMOS** — Da assinante 6762, roupas, medicamentos, fraldas e 5.000\$00. O assinante 22801, da Sertá, pode estar descansado que o envio para a Conferência Lar do Porto vem ter às nossas mãos. Obrigados pelo cheque de 5.000\$00. Uma amiga vicentina, a Elda, com 10.000\$00. Amigo Pinto, 7.500\$00. Assinante 9217, 5.000\$00. Maria B., de Lisboa, com 3.000\$00. O Menino Jesus vos dê muita saúde e paz.

Para vós, um santo Natal e muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

## DOCTRINA

Se somente um agradecer, como os leprosos do Evangelho, basta; o discípulo não é superior ao Mestre.



incompreensíveis são os Seus juízos e imperscrutáveis os Seus caminhos! Quem conhece o pensamento do Senhor? Ou quem foi o Seu conselheiro? Ou quem Lhe deu alguma coisa primeiro, para que tenha de receber em troca? A Ele seja dada toda a glória!»

A primeira arma que a gente tem de brandir nos Ministérios, é a Humildade; tanto mais necessária quanto maior for o nome que o mundo nos der. Humildade do coração que se não desvaneca de si mesmo nem teme a grandeza dos a quem fala. Humildade que escuta a toda a hora, na presença dos grandes do Mundo, o murmúrio interior da terrível sentença eterna: «Lembra-te que és poeira, ó tu!»; e de si, pensa na mesma. Destas soberbas alturas nunca ninguém caiu!

NO fim desta última feita que durou três dias, estava tão cansadinho que me deitei às sete da tarde sem forças nem vontade de comer. Sabes de quê? De esperar. Estive na Misericórdia até às seis. — Mais um nadinha; ainda estão em sessão. Hoje é mau dia. Não pude. Saí pela porta fora. O Chiado fervia de gente. A Rua Nova do Carmo era um sair-de-missa da igreja da minha terra. Em baixo, no Rossio, a pasmaceira lê cartazes. Fui à estação. Tinha um comboio dali a três horas com risco de perder a noite. Preferi ficar para o dia seguinte. Pedi uma cama no Hotel Francfort. Entrei. A janela dava para a Praça da Figueira. Havia, àquela hora, dentro da Praça, um mundo de galinhas em tremendo cacarejar. Era o toque de dormir. E eu, à mesma hora, precisamente quando Lisboa chique desperta — eu deitava-me na cama mal-las galinhas! Quem quiser ganhar a Vida tem de perder a vida! De madrugada, estava às portas da igreja de S. Luís, a que mais cedo desperta na cidade de Lisboa. Fui pôr o selo branco, buscar a validade, assegurar o êxito da Obra — e agradecer.

EU descia as escadas e o Freitas galgava-as a subir: — Venha ver a nossa porca que teve onze bácoros! Achei-os no curral quando ia tirar o leite à vaca. A notícia correu célere e daí a nada estavam vinte garotos pendurados nas portas e a cavalo nas paredes: — Eh que giro! Eu apareci e fiz promessa ao Freitas de que, se ele zelasse a ninhada, eu dava-lhe o melhor leitão para ele ir pessoalmente à feira vender e comprar um relógio de pulso para ele. Após o que retirei-me para a Capela. No fim da Missa vem o João, aflito: — Venha, que o Freitas mata o António dos Olivais! Corri. Estavam os dois no chão, arrependidos, com lágrimas nos olhos e espuma na boca. — Que foi? O António também queria um porco e um relógio!

*Padre Carlos*

(Do livro Pão dos Pobres — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## Natal

Continuação da página 1

causa do seu desvio original; e, porque de origem, não se ultrapassa sem luta esforçada.

Em sua inspiração, Pai Américo denuncia também e diz tudo em três palavras: «Sem Humildade, nada».

Penso que está neste nada, neste tão pouco e tão raro de Humildade na inteligência e no agir dos homens, a explicação deste retardar da «nova terra» — «terra de harmonia e paz universais», tal a anunciam os Profetas — dois mil anos depois das «nuvens terem chovido o Justo», que «veio para o que era Seu e os Seus não O receberam» — ainda não O receberam!

Eis a injustiça-mãe de todas as injustiças que caem sobre o homem, neste mundo tão mergulhado em leis da selva, posto se reclame de «século das luzes» — e as haja, sim, mas fustíveis como lâmpada cujo filamento facilmente se quebra e reduz a trevas o que antes parecia esplendor.

Pelo contrário, «a quantos O receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, (...) e a estes, da Sua plenitude, dá-lhes graça sobre graça» (Jo, I).

Por isso, em jeito de voto de Natal, apetece clamar com Paulo VI: «Homens, sede Homens!» Sim, sede Homens. Entrai pelo vosso coração inquieto, subi à vossa inteligência e reflecti a insatisfação tão antiga como a Humanidade. E determinai-vos muito simplesmente a «abrir a terra para que germine o Justo». E a Justiça virá por acréscimo.

Padre Carlos



# BENGUELA

## Queremos ter força para não pararmos

**Q**UEREMOS ter força para não pararmos. Batem-nos à porta, vindos de todos os lados, com os problemas mais graves que cada um tem. É a gente do povo a viver numa dependência escandalosa, que chega a humilhar-nos porque ainda temos alguma coisa e essa gente não tem nada. Queremos ter força e saber dar, de modo a levantar os caídos e pô-los a caminhar. Que a nossa mão estendida não humilhe mas levante.

Diante deste espectáculo de pobreza e de miséria, sinto-me confortado e animado pela ajuda que chega, de fora, através da Obra da Rua. Sei que nunca faltará. Quem dera que, de dentro, de Angola, recebêssemos, ao menos, as migalhas dos ricos para as fazer chegar aos pobres Lázarus que nos batem à porta e encontramos pelos

caminhos. Estou animado, sim, pela ajuda que nos dais. Não queremos parar.

Grande parte do meu domingo passado foi consumida nos hospitais de Benguela e militar da Catumbela. Um acidente de viação muito grave, como nunca aconteceu na história da nossa Casa, causou vários feridos e levou-nos um filho da Casa e uma Irmã que trabalhava no posto médico. Foi uma prova dura na nossa vida. Seria maior se o Pai do Céu não pusesse

a mão por baixo. Dizia um dos feridos: «Foi um milagre não termos morrido todos!» Outra parte do domingo passei-a pelos caminhos do bairro, levando chapas de fibrocimento para cobrir as casinhas.

Se vísseis a alegria das mães e dos pais, ao receberem, em suas mãos, a dádiva da cobertura para as suas casas, feitas em adobes, não gastaríeis dinheiro em coisas supérfluas. Um coração de carne sente e vibra com a dor alheia. Podemos ajudar a curar estas feridas humanas. Podemos, sim. Estamos a fazê-lo.

**O** Natal está à porta. Quando penso no Natal, aqui e

agora, o primeiro dom que peço ao Deus-Menino é a Paz para Angola e outras terras. É o princípio da mudança. É a porta que se abre no caminho da felicidade da nossa gente.

Os meios de comunicação social, a televisão em primeiro lugar, anunciam cabazes e mais cabazes nos supermercados de Luanda, sobretudo. Tudo a propósito do Natal. Fico triste e apeteço-me fechar os olhos e os ouvidos. Mas, não. Tenho que ter os olhos bem abertos e os ouvidos atentos e o coração bem sensível. É preciso anunciar e denunciar. É preciso ver e ouvir. É que quase todo o povo de Angola não vai ter, tanto quanto sei, o mínimo necessário na mesa da refeição. E pode ter, se todos quiserem, a sério. Anunciar o Natal é fazer, com a palavra e o gesto, a presença do Amor. Será uma linguagem vazia? É, antes, a grande Mensagem.

Vamos, também, preparar cabazes para a gente pequenina, que não tem dinheiro nem direitos nem voz. É a maioria. O nosso super-

mercado tem como sócios todos os que nos acompanham. Os amigos que nos ajudam. São a família de fora que nos enche as mãos com as suas mãos cheias. Mais aqueles que nos levam tudo o que temos. Assim é que é. Eis a grande empresa que somos.

A hora em que escrevo, estou a pensar no leite para as crianças e para as mães que as amamentam. Mais no óleo alimentar. Mais no feijão. Mais na farinha de milho para o pirão. E no açúcar, também. Se conseguir farinha de soja, também entra no cabaz. Vou tentar comprar um pouco de peixe seco e metê-lo no cesto com o feijão. Eis o cabaz, à nossa conta, para centenas de crianças e pais ao nosso cuidado. Se estivéssemos ao meu lado, na hora da entrega, exultaríamos de alegria com a maravilha das coisas simples e pobres que só os corações simples e pobres entendem.

Que vós e vossos filhos passeis o Natal em Paz e Alegria.

Padre Manuel António

### PENSAMENTO

A Beleza encontra-se na simplicidade.

PAI AMÉRICO

## Tribuna de Coimbra

### Momentos densos na vida

**N**ESTA manhã fria, de Inverno, vinha ela acompanhada de um filho — rapaz que aparentava mais de vinte. Era uma mãe. A princípio pensei que fosse de um dos nossos. O aspecto do rosto e a ansiedade nos olhos denunciavam uma vitória de mãe que só Deus conheceria, escondida no coração...: «Venho trazer metade do primeiro ordenado deste meu filho...» Eram 22 contos. Enquanto as lágrimas lhe corriam cara abaixo, apertei ao coração este dinheiro — claro, não pelo que vale mas pelo encontro humano que me proporcionara. Ele há momentos na vida, densos, que nunca mereceríamos gozar!

A meio da manhã, de Aveiro, a Eulália e outra amiga. Traziam um enorme poceirão de alface fresquinha que enriqueceu o nosso almoço de carne, dos nossos currais. Enquanto isso, a sua presença amiga já era uma prenda de Natal. O Natal não são as coisas, apenas. As pessoas valem mais. É bom que o recordemos. A nossa latada da rua da estrumeira foi toda podada. O Adelino veio também.

Soube mais tarde que a mãe de dois nossos e a filha mais velha abriram um bar de vida nocturna. Uma e outra — que bem conheço — são mulheres ternas e belas. Mesmo que o não fossem, estes filhos tinham direito ao seu colo. Quando olho estes dois filhos carentes, não posso deixar de assumir o sofrimento escondido em tantas das suas revoltas.

Dou mais uma volta e entro na casa-mãe. Um grande grupo de crianças devorando as aventuras fantásticas do *Dragon Ball*. São os nossos mais pequeninos. Estão por vezes tão sós! Têm falta de mãe. Onde estão essas mulheres?! Técnicas...? Sobram! É preciso o teu coração e só ele e... Deus. Basta.

O Sandro Alberto fez, hoje, 15 anos. Na sala de jantar todos cantaram os parabéns ao «Carioca», como é conhecido. No fim recordei emocionado o dia em que o trouxe, há quase seis anos, da Musgueira Sul.

Chego ao fim do dia. Fui levar os estudantes ao Lar. Enquanto regresso, os políticos e as suas promessas cansativas... É a campanha eleitoral. Chego a Casa e o fax do Júlio Mendes: «Material para O GAIATO». É o Natal! Meu Deus, que direi? Aflito e sem lógica nenhuma abri-te, assim, o meu coração.

Padre João

## ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

por encanto adentro das paredes do palácio a que andam ligados pedaços da História de Portugal. A abominação da desolação instalada no lugar santo recuou um passo, e, sobre as ruínas e erros do passado, vamos construindo um santuário de almas.»

Associados a estes acontecimentos estão as pessoas do lugar. Continua Padre Adriano:

«Tenho os ouvidos cheios de expressões de júbilo do bom povo da aldeia. Até que enfim que há alegria nesta terra! Quando ouvi os foguetes e os sinos a tocar pela

primeira vez, não sei o que senti; pus-me a chorar.»

No dia 4 de Janeiro, às 15,30 h, quando nos reunimos para a celebração, presidida pelo Sr. D. José Policarpo, sobre o altar estarão todos: os padres, naturalmente, os rapazes, as senhoras, os construtores, as pessoas do lugar, os amigos da primeira e segunda hora, os amigos de sempre nesta aventura. Todos reunidos louvaremos Aquele que é a pedra na qual toda a construção assenta: o Senhor Jesus Cristo. Será dia de festa e será dia de acção de graças. Não sei se os sinos tocarão e se haverá foguetes a estalar nos ares. Sei que sentiremos o coração quente com a companhia d'Aquele cujo nascimento agora preparamos.

Depois, na merenda que todos os que quiserem poderão partilhar, teremos ocasião para recordar, contando as aventuras que todos fomos vivendo.

Padre Manuel Cristóvão



Alguns blocos da Quinta do Mocho

## Património dos Pobres

### Quinta do Mocho

**S**ENTIMO-NOS muito felizes com a notícia da demolição, a curto prazo, dos blocos nunca acabados e todos eles habitados na Quinta do Mocho. Ficam rentinhos às portas de Lisboa.

Temos ido ali várias vezes e regressamos sempre angustiados com aquilo que topamos. Vários edifícios construídos por alguém, há anos, e nunca acabados. Só tijolos sobrepostos e à vista, em muitos andares, aberturas para portas e janelas que nunca lá foram colocadas e sem telhado próprio. À volta dos edifícios, imensos fios eléctricos clandestinos que mais parecem uma rede de aranhas, a conduzir electricidade dos postes públicos. Plásticos, papéis usados, roupas velhas, farrapos sujos, variado lixo, muita lama e muitas cagadinhas

são os adornos dos miseráveis prédios que servem de habitação a toda aquela pobre gente, dominando as crianças que são às centenas. Água não descobrimos onde a vão buscar.

A população, vários milhares, a maior parte de cor, vinda de África, anda por lá aos deus-dará. Dizem que é centro de muita droga e prostituição.

Alguém de muita responsabilidade na vida portuguesa chamava a atenção para o abandono a que a autarquia deixou chegar tudo aquilo àquela degradação e censurava os responsáveis.

A notícia informava que vão ser construídas moradias para realojar aquela gente e só depois serão destruídos os edifícios. Com certeza que não poderá ser a autarquia a resolver essa situação que parece muito volumosa, mas o poder central a tomar o empreendi-

mento à sua conta. Assim esperamos.

Esperamos, também, que não seja somente uma promessa política de ocasião. De promessas estão os portugueses cheios. É necessário que os homens das promessas estejam conscientes da situação. Tomem atenção a que muitos têm moradias que custaram muitos milhares de escudos. Todos os responsáveis haviam de passar pela Quinta do Mocho e outras semelhantes para fazerem um pouco a ideia de como ali se vive e o que se poderá esperar de seus habitantes. Não podemos ignorar que a habitação é a grande escola da educação.

Que Deus-Menino, cujo nascimento vamos celebrar, e que teve de nascer num curral ocupado por animais, nos dê a graça de todos podermos viver em casa decente. São estes os nossos votos de Natal.